



TRABALHO, EDUCAÇÃO E CULTURA: MODOS DE FAZER AGRICULTURA FAMILIAR NO VALE DOS LÚCIOS

Luciana M. Saldanha Kuenerz
Universidade Federal Fluminense – UFF (Brasil)
Endereço eletrônico: luciana.kuenerz@gmail.com

Lia Tiriba
Universidade Federal Fluminense – UFF (Brasil)
Endereço eletrônico: liatiriba@gmail.com

2864

INTRODUÇÃO

Em espaços/tempos não capitalistas de produção da existência humana, a cooperação pode se materializar como trabalho associado, cujo objetivo é a criação de condições materiais e imateriais para garantir a reprodução ampliada da vida. “Como forma de trabalho, em que muitos indivíduos trabalham de modo planejado, uns ao lado dos outros e em conjunto, no mesmo processo de produção ou em processos de produção diferentes, porém conexos” (MARX, 2017, p 400), a cooperação também pode se manifestar como cooperação capitalista, cuja finalidade é exploração da força de trabalho e a produção para o mercado. Dadas as contradições entre trabalho e capital que caracterizam o modo de produção capitalista, partimos do pressuposto de que, no contexto histórico de hegemonia do agronegócio, as práticas econômico-culturais e educativas dos trabalhadores/ as da agricultura familiar¹ constituem-se, ao mesmo tempo, tanto em espaço/tempos de reprodução ampliada da vida como de reprodução ampliada do capital. Sendo assim, economia popular/economia capitalista², educação rural/educação do campo³ dão sentido às formas de fazer, sentir e pensar o mundo, a agricultura familiar e a vida em comum.

Como Raymond Williams (2011), acreditamos que embora o modo de produção capitalista tenha a hegemonia (que não é um conceito estático) sobre outros modos de produção da existência, é preciso considerar o que está “fora” do modo dominante, pois:

¹ Sobre o conceito de agricultura familiar, conforme a Lei 11.326, de 24 de julho de 2006, ver verbete no Dicionário da Educação do campo (DELMA, 2012).

² Sobre o conceito de economia popular ver TIRIBA (2010).

³ Sobre esse conceito de educação rural e educação no campo, ver verbetes no Dicionário da Educação do campo, respectivamente (RIBEIRO, 2012 & CALDART, 2012).



Nenhum modo de produção e, portanto, nenhuma sociedade dominante ou ordem da sociedade e, destarte, nenhuma cultura dominante pode esgotar toda gama de prática humana e da intenção humana (essa gama não é o inventário de alguma ‘natureza humana’ original, mas ao contrário, é aquela gama extraordinária de variações práticas e imaginadas pelas quais seres humanos se veem como capazes) (WILLIAMS, 2011, p. 59).

PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Tendo como referência as contradições entre trabalho e capital e, portanto, entre agricultura camponesa e agronegócio, o objetivo da pesquisa é analisar os modos de fazer agricultura familiar de trabalhadores e trabalhadoras do campo no Vale dos Lúcios, no município de Teresópolis, no Rio de Janeiro, cujas práticas são mediadas, entre outras, pela APROLUC (Associação de Moradores e Pequenos Produtores Rurais da Microbacia Hidrográfica de Lúcios, Rio Formigas), pela EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Rio de Janeiro) e pelo MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores).

Nessa região de Estado do Rio de Janeiro, aonde chegaram imigrantes italianos, a partir de meados do século XIX, as terras foram repartidas entre os descendentes do antigo proprietário, com sobrenome Lúcio, daí o nome do Vale. Os sítios pertencem às famílias por diversas gerações, o que requer que façamos a historicização do objeto no tempo/espaço, a partir da memória familiar. Os atuais moradores têm seu sustento na agricultura familiar e também realizam atividades de turismo. Alguns pretendem que o Vale se configure como região produtora de hortaliças, como é típico em Teresópolis. Enfim, para entender a economia local, é preciso diferenciar, como Raymond Williams (2007), padrão de vida e modos de vida, observando as práticas econômico-culturais e educativas, calcadas em necessidades e expectativas em relação à vida no campo. Como lembra Thompson (2015, p 234-235):

Não podemos entender o sistema agrário dos pequenos produtores sem investigar práticas hereditárias, os dotes e, quando for o caso, o ciclo do desenvolvimento familiar. Por sua vez, essas práticas se apoiam nas obrigações e reciprocidades do parentesco, cuja manutenção e observância serão frequentemente encontradas nos encargos particulares das mulheres. A “economia” só pode ser entendida no contexto de uma sociedade urdida assim. A vida “pública” emerge de dentro das densas determinações da vida “doméstica” (THOMPSON, 2012, p.234-235).

2865



A compreensão dos modos de fazer agricultura familiar requer a problematização, entre outras, da categoria agricultura familiar, o que, como Thompson (1981) pressupõe a dialeticidade entre conceito e evidência interrogada, entre teoria e empiria. A partir dos fundamentos teórico-metodológicos do materialismo histórico dialético, trata-se de uma pesquisa participativa de cunho etnográfico. O processo do conhecimento no método de investigação de Marx se dá pela saturação máxima das determinações, por meio das categorias de análise totalidade, mediação, contradição, particularidades, determinação e hegemonia. Trata-se da dissolução da imediatividade do dado abstrato, para se chegar à síntese de múltiplas determinações, que nos leva ao concreto, como resultado do movimento do pensamento, que reconstrói o processo de constituição do concreto ao concreto pensado (MARX, 2008).

2866

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme decreto nº 1.946, de 28/6/1996, lei 11.326, de 24 de julho de 2006,

(especialmente artigo 3º, e demais instrumentos que vão adequando os desdobramentos alcançados e incorporados) agricultor familiar é o que pratica atividades no meio rural, mas se torna sujeito de direitos se detiver, a qualquer título, área inferior a quatro módulos fiscais; deve apoiar-se predominantemente em mão de obra da própria família e na gestão imediata das atividades econômicas do estabelecimento, atividades essas que devem assegurar o maior volume de rendimentos do grupo doméstico.

Assim como no Vale dos Lúcius, os modos de produzir a existência manifestam as relações que homens e mulheres trabalhadoras, mediadas pela memória coletiva e por experiências vividas e herdadas, estabelecem com o território em que produzem sua existência (TIRIBA; SOUZA, 2020). No entanto, é preciso considerar as mediações político-educativas da APROLUC, EMATER e MPA junto às famílias do Vale. Ainda que nos faltem elementos empíricos para afirmar, parece-nos que as práticas de agricultura familiar não caminham em direção à agricultura camponesa.

A tendência da agricultura camponesa contemporânea de afirmar sua autonomia relativa perante as diversas frações do capital, de se apoiar no princípio da coevolução social e ecológica e de enveredar pela agroecologia mantém a possibilidade de sua reprodução social, dado que constrói socialmente as bases de outro paradigma para se fazer agricultura (CARVALHO; COSTA, 2012 p. 31).

Realização:



Apoio:





Na verdade, as lógicas, camponesa e capitalista, se diferenciam, pois carregando “concepções e práticas de vida familiar, produtiva, social, cultural e em relação com a natureza que, não obstante coexistem numa mesma formação social, negam-se mutuamente” (CARVALHO; COSTA, 2012 p. 31). A tensão econômica, política e ideológica do agronegócio, nos faz acreditar que, no Vale dos Lúcius, os modos de fazer agricultura familiar se constituem no atravessamento das lógicas de reprodução ampliada da vida e de reprodução ampliada do capital.

Ao entrevistarmos três moradores, foi possível perceber que no Vale dos Lúcius prevalecem, de maneira geral, atividades que se caracterizam pelo uso de defensivos, agrícolas, de nível moderado a intensivo. O modo de fazer agricultura da comunidade está imbricado com as várias atividades exercidas pelos moradores, não diretamente ligadas à agricultura. Algumas terras foram vendidas para pessoas de fora. Antigos lavradores trabalham no comércio ou vivem na cidade. Há meeiros trabalhando em terras que já pertenceram às suas famílias e há os que fazem diárias ou serviço doméstico para complementar a renda.

Um dos entrevistados expôs sua expectativa de coexistir com o agronegócio, de cunho sustentável. Sendo assim, perguntamo-nos em que medida o minifúndio pode coexistir com o agronegócio? Quanto às aulas de inglês, percebemos como um desejo de um dos entrevistados, já que ele não estudou na escola. Pode haver ainda a expectativa de um outro grupo em colocar o Vale dos Lúcius na rota do turismo internacional através da língua inglesa, mas é preciso investigar. As famílias também brigam entre si e cada uma tem seus interesses próprios. Que expectativas seriam essas? Que famílias querem manter o Vale próspero e buscar por novas saídas?

CONCLUSÕES

A partir das contradições encontradas no campo de pesquisa, redirecionamos nossa observação. Uma delas é saber como o "minifúndio" entra no circuito do capital. Em relação ao grande e ao pequeno produtor, importa saber qual é a racionalidade das práticas econômicas. Enquanto alguns podem desejar ou necessitar essa coexistência, outros podem não querer pôr fim ao agronegócio na região. Cabe-nos investigar se disso decorre que as necessidades e expectativas podem ser diferentes para cada grupo ou família. Estaríamos diante de uma “cultura emergente”, em que novos valores, significados, práticas e experiências são criados continuamente? Será o agronegócio uma cultura dominante nesse momento? Talvez seja o caso de pensar o conceito de

2867



“cultura residual” em vias de ser incorporada pela “cultura dominante”, que nada permite fora do seu controle (WILLIAMS, 2011).

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho-Educação. Agricultura Familiar. Economia. Cultura.

REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete et al. (orgs.). *Dicionário da Educação no Campo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CARVALHO, Horácio Martins de; COSTA, Francisco de Assis. Agricultura Camponesa. In: CALDART, Roseli Salete et al. (orgs.). *Dicionário da Educação no Campo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 3-774.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia de política*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

NEVES, Delma Pessanha. Agricultura familiar. In: CALDART, Roseli Salete et al. (orgs.). *Dicionário da Educação no Campo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 3-774.

RIBEIRO, Marlene. Educação Rural. In: CALDART, Roseli Salete et al. (orgs.). *Dicionário da Educação no Campo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 3-774.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros - uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. *A peculiaridade dos ingleses e outros artigos*. NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.) 2 ed. Campinas: Unicamp, 2012.

TIRIBA, Lia. Ciência econômica e saber popular: reivindicar o “popular” na economia e na educação. In: TIRIBA, Lia; PICANÇO, Iracy (orgs.). 2 ed. Aparecida, São Paulo: Ideias e Letras, 2010. *Trabalho e Educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária*.

TIRIBA, Lia. Reprodução ampliada da vida: o que ela é, parece ser e pode vir a ser. *Otra Economía*. vol.11, n.20, julio-diciembre 2018. Disponível em: <<https://revistaotraeconomia.org/index.php/otraeconomia/article/view/14757/9354>>

TIRIBA, Lia; SOUZA, WILLIAM, Kennedy do Amaral. Culturas do Trabalho, Educação e Produção da Existência: entre quilombolas, castanheiros e seringueiros. *Revista da ABET*. v. 19, n. 2, julho a dezembro de 2020.

TIRIBA, Lia; MAGALHÃES, Lúvia D. R. Lições do trabalho associado: educação, experiência e memória coletiva. MAGALHÃES, Lúvia D. R.; TIRIBA, Lia (Orgs.). *Experiência: o termo ausente? Sobre história, memória, trabalho e educação*. Uberlândia: Editora Navegando, 2018. Disponível em: <https://issuu.com/navegandopublicacoes/docs/livro_1_via-liamin>. Acesso em: 4 jul. 2020.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.